

«A menina Albertine foi-se embora!» Como em psicologia o sofrimento vai mais longe que a psicologia! Há momentos, analisando-me a mim mesmo, julgara eu que o que desejava era justamente esta separação sem nos tornarmos a ver, e, comparando a mediocridade dos prazeres que Albertine me proporcionava com a riqueza dos desejos que me privava de satisfazer (os quais, graças à certeza da sua presença em minha casa, à pressão da minha atmosfera moral, ocupavam na minha alma o primeiro plano, mas que, à primeira notícia de que Albertine partira, já nem sequer podiam entrar em concorrência com ela, porque imediatamente se haviam desvanecido), considerara-me subtil, concluía que não queria vê-la mais, que já não a amava. Mas estas palavras: «A menina Albertine foi-se embora!» acabavam de produzir tal sofrimento no meu coração que sentia que já não poderia resistir-lhe mais, que era preciso pôr-lhe termo imediatamente; bondoso comigo mesmo como a minha mãe o fora com a minha avó moribunda, dizia de mim para mim, com aquela mesma benevolência que nos leva a não deixar que sofra aquilo que amamos: «Um segundo de paciência, vamos encontrar-te um remédio, sossega, não vamos deixar-te sofrer assim.» E adivinhando confusamente que, embora há pouco, quando ainda não tocara a campanha, a partida de Albertine me parecesse indiferente, e até desejável, isso acontecera porque a julgava impossível, foi nessa ordem de ideias que o meu instinto de conservação procurou os primeiros calmantes para os colocar sobre a ferida aberta: «Isto não tem qualquer importância, porque eu vou fazê-la voltar imediatamente. Vou ver por que meios, mas, seja como for, ela estará aqui esta tarde. Por consequência, é inútil atormentar-me.» «Isto não tem qualquer importância»: não me limitara a dizê-lo, tratara de dar essa impressão à Françoise, não deixando transparecer diante dela o meu sofrimento, porque até no momento em que o

sentia com tal violência o meu amor não se esquecia de que lhe cumpria apresentar-se como um amor feliz, como um amor partilhado, sobretudo aos olhos da Françoise, que não gostava de Albertine e sempre duvidara da sua sinceridade. Sim, há pouco, antes da chegada da Françoise, achava que já não amava Albertine, achava, como meticuloso analista, que tivera tudo em consideração; julgava conhecer todo o meu coração até ao fundo. Mas a nossa inteligência, por muito lúcida que seja, não pode aperceber-se dos elementos que compõem o coração e que permanecem ignorados até que um fenómeno que, partindo do estado volátil em que a maior parte das vezes eles subsistem, seja capaz de os isolar e de lhes fazer sofrer um começo de solidificação. Estava enganado quando julgava ver claro no meu coração. Mas esse conhecimento que as mais agudas percepções do espírito me não dariam acabava de me ser transmitido, duro, irrecusável, estranho, como um sal cristalizado, pela repentina reacção da dor. Tanto me habituara a ter Albertine ao pé de mim — e de repente via um novo rosto do Hábito. Até então considerara-o sobretudo como um poder aniquilador que suprime a originalidade e até a consciência das percepções; agora, via-o como uma temível divindade, tão agarrada a nós, com o seu rosto insignificante de tal modo incrustado no nosso coração que, se se desligar, se se afastar de nós, essa deidade que quase não distinguíamos inflige-nos sofrimentos mais terríveis que nenhuma outra, e é então tão cruel para nós como a morte.

O mais urgente era ler a carta dela, pois que pretendia reflectir nos meios de a fazer voltar. Sentia-me de posse deles, porque, como o futuro é o que só existe ainda no nosso pensamento, parece-nos ainda alterável pela intervenção *in extremis* da nossa vontade. Mas ao mesmo tempo lembrava-me de que vira agirem sobre ele outras forças que não a minha, e contra as quais, mesmo que me fosse concedido mais tempo, eu nada poderia fazer. De que serve que a hora não tenha soado ainda, se nada podemos fazer contra o que nela vai acontecer? Quando Albertine estava em casa, eu estava de facto decidido a reservar para mim a iniciativa da nossa separação. E, depois, ela fora-se embora. Abri a carta de Albertine. Rezava assim:

«Meu amigo,

Perdoe-me não ter ousado dizer-lhe de viva voz as poucas palavras que se seguem, mas eu sou tão covarde, sempre tive tanto medo diante de si, que, mesmo forçando-me a isso, não tive a coragem de o fazer.

Eis o que devia ter-lhe dito: Entre nós a vida tornou-se impossível, e aliás deve ter verificado pela sua diatribe daquela noite que alguma coisa mudara nas nossas relações. O que nessa noite se conseguiu compor iria tornar-se irreparável poucos dias depois. Por isso, já que tivemos a sorte de nos reconciliar, mais vale que nos separemos como bons amigos; por isso, meu querido, lhe envio esta palavrinha e lhe peço que seja bom ao ponto de me perdoar ter-lhe causado algum desgosto, pensando no desgosto imenso que eu vou ter. Meu menino grande, eu não quero vir a ser sua inimiga, já me basta a amargura de a pouco e pouco, e bem depressa, me tornar indiferente para si; e por isso, como a minha decisão é irrevogável, antes de mandar a Françoise entregar-lhe esta carta já lhe terei pedido as minhas malas. Adeus, deixo-lhe o melhor de mim mesma.

Albertine.»

Isto não quer dizer nada, pensei eu, é até melhor que o que julgava, porque, como ela não pensa nada disto, é evidente que só o escreveu para desferir um grande golpe, para me meter medo. É preciso pensar no que é mais urgente, e o mais urgente é que Albertine esteja de regresso esta tarde. É triste pensar que os Bontemps são gente desonestas que se servem da sobrinha para me extorquir dinheiro. Mas que interessa isso? Mesmo que tivesse que dar metade da minha fortuna à senhora Bontemps para conseguir que Albertine estivesse ali naquela tarde, ainda nos sobraria bastante, a Albertine e a mim, para vivermos confortavelmente. E ao mesmo tempo calculava se teria tempo de ir ainda de manhã encomendar o iate e o *Rolls Royce* que ela desejava, nem sequer pensando, visto que deixara de sentir qualquer hesitação, que antes considerara pouco sensato oferecer-lhos.

Ia comprar, além do automóvel, o mais belo iate que então existia. Estava à venda, mas era tão caro que não encontravam comprador. Aliás, depois de comprado, e supondo até que fizéssemos apenas cruzeiros de quatro meses, custaria mais de duzentos mil francos por ano em manutenção. Era numa base de meio milhão por ano que íamos viver. Seria eu capaz de mantê-lo durante mais de sete ou oito anos? Ora, que interessava isso, quando tivesse apenas cinquenta mil francos de rendimento poderia deixá-los a Albertine e matar-me. Foi a decisão que tomei. Decisão que me levou a pensar *em mim*. Ora, como o «eu» está constantemente a pensar numa quantidade de coisas, quando, por acaso, em lugar de ter tais coisas em mente, pensa de repente em si

mesmo, não encontra mais que um aparelho vazio, algo que não conhece e a que, para lhe atribuir alguma realidade, acrescenta a recordação de uma cara entrevista no espelho. Aquele estranho sorriso, aquele bigode irregular, eis o que desaparecerá da face da terra. Quando me matasse dali a cinco anos deixaria de poder pensar em todas aquelas coisas que me desfilavam incessantemente no espírito. Já não estaria à superfície da terra e a ela não voltaria mais, o meu pensamento ficaria para sempre parado. E, de o ver como algo que já não existe, o meu «eu» pareceu-me ainda mais nulo. Como é que poderia ser difícil sacrificar àquela para quem se dirige constantemente o nosso pensamento (àquela que amamos), sacrificar-lhe esse outro ser em que nunca pensamos: nós mesmos? E assim, por essa via, esta ideia da minha morte pareceu-me tão singular como a noção do meu «eu»; de modo algum me foi desagradável. De repente, achei-a horripelantemente triste; isto porque, quando pensei que, se não podia dispor de mais dinheiro, era porque os meus pais estavam vivos, pensei de súbito na minha mãe. E não fui capaz de suportar a ideia do que ela sofreria depois da minha morte.

Mesmo que a adesão da senhora Bontemps não baste, se Albertine não quiser obedecer à tia e puser como condição do seu regresso gozar de ora em diante de plena independência, pois muito bem, por mais que me custe, dar-lha-ei; sairá sozinha, à sua vontade, há que aceitar sacrifícios, por muito dolorosos que sejam, a bem daquilo que mais desejamos e que, apesar do que eu julgava esta manhã baseado nos meus raciocínios exactos e absurdos, é que Albertine viva nesta casa. E, aliás, será que posso dizer que conceder-lhe essa liberdade me seria absolutamente doloroso? Mentiria. Já muitas vezes sentira que o sofrimento de lhe dar a liberdade de fazer o mal longe de mim era porventura menor ainda que aquele género de tristeza que frequentemente me invadia ao sentir que se aborrecia a meu lado, em minha casa. É claro que, mal ela me pedisse para ir a qualquer parte, teria sido atroz para mim deixá-la ir, com a ideia de que haveria por lá orgias organizadas. Mas dizer-lhe: «Tome o nosso barco, ou um comboio, e vá passar um mês nesse país que eu não conheço, onde nada saberei do que fizer» era algo que muitas vezes me agradara, pela ideia de que longe de mim, por comparação, a mim é que haveria de preferir, e de que regressaria feliz. Por outro lado, ela própria o deseja certamente, de modo algum exige uma liberdade à qual eu, aliás, todos os dias oferecendo novos prazeres a Albertine, conseguiria com facilidade e gradualmente estabelecer alguma limitação. Não, o que Albertine pre-

tendeu foi que eu deixasse de ser tão desagradável para ela, e sobretudo — como outrora Odette com Swann — que me decidisse a casar com ela. Uma vez casada, não irá fazer questão da sua independência, e ficaremos os dois aqui, tão felizes... Era, evidentemente, renunciar a Veneza. Mas as cidades mais desejadas, e por maioria de razão as anfitriãs mais agradáveis, as distrações (muito mais ainda que Veneza, a duquesa de Guermites ou o teatro) — como todas essas coisas se tornam pálidas, indiferentes, mortas, quando estamos ligados a um outro coração por um laço tão doloroso que não deixa que nos afastemos... De resto, Albertine tem toda a razão nesta questão do casamento. Até a minha mãe achava ridículas todas estas delongas. Casar com ela era o que eu deveria ter feito há muito, era o que tinha que fazer, era o que a levava a escrever aquela carta de que não pensa uma só palavra; fora apenas para que tal se concretizasse que renunciara por algumas horas àquilo que deve desejar tanto como eu desejo que faça: voltar para cá. Sim, foi isso que ela pretendeu, é essa a intenção do seu acto — dizia-me a minha razão compassiva; mas sentia que, ao dizer-mo, a minha razão se situava sempre na mesma hipótese que desde o início adoptara. Ora, eu bem sentia que era a outra hipótese que nunca deixara de se verificar. Como é evidente, esta segunda hipótese nunca seria tão ousada que enunciasse expressamente que Albertine poderia estar ligada à menina Vinteuil e à sua amiga. E, no entanto, quando a inundação dessa terrível notícia me submergira à entrada na estação de Incarville, fora a segunda hipótese que se verificara. A qual, depois disso, nunca admitira que Albertine pudesse deixar-me por sua iniciativa, daquela maneira, sem me prevenir e sem me dar tempo de impedi-la de o fazer. Mas, apesar de tudo, se era certo que, depois do novo salto imenso que a vida acabava de me obrigar a dar, a realidade que se me impunha era tão nova para mim como aquela diante da qual nos põem a descoberta de um físico, as investigações de um juiz de instrução ou os achados de um historiador acerca dos aspectos ocultos de um crime ou de uma revolução, a verdade é que tal realidade ultrapassava as mesquinhas previsões da minha segunda hipótese, mas, contudo, as consumava. Esta última hipótese não era a da inteligência, e o medo pânico que eu sentira na noite em que Albertine não me tinha beijado, naquela noite em que ouvira o ruído da janela, era um medo que não era racional. Mas — e o que se segue há-de mostrá-lo melhor, como muitos episódios o terão já indicado — o facto de a inteligência não ser o instrumento mais subtil, mais poderoso, mais apropriado para apreender a Verdade é mais uma razão para que se comece pela